

«O Pintor e o Pássaro» Uma releitura de Max Velthuijs

Sara Reis da Silva Universidade do Minho | sara_silva@iec.uminho.pt

Palavras-chave Max Velthuijs | Literatura para a infância | álbum narrativo

Resumo Pretende-se, com este breve estudo, proceder a uma (re)leitura de um dos primeiros livros escritos por Max Velthuijs. Sublinhando a originalidade da sua composição, tanto linguística como ilustrativa e, especialmente, algumas das suas relações, é nosso objectivo registar certos aspectos do álbum *O Pintor e o Pássaro* cuja presença será fundamental nos volumes da colecção *O Sapo*.

Keywords Max Velthuijs | Children's literature | picture story book

Abstract The purpose of this short essay is to put forward a brief (re)reading of one of Max Velthuijs' first books. Stressing the originality of its composition, in terms of text, of illustration and especially of the relationships that it establishes, we aim to draw attention to some aspects of the picture story book *The Painter and the Bird*, whose presence in the well-known collection of *Frog* books will be fundamental.

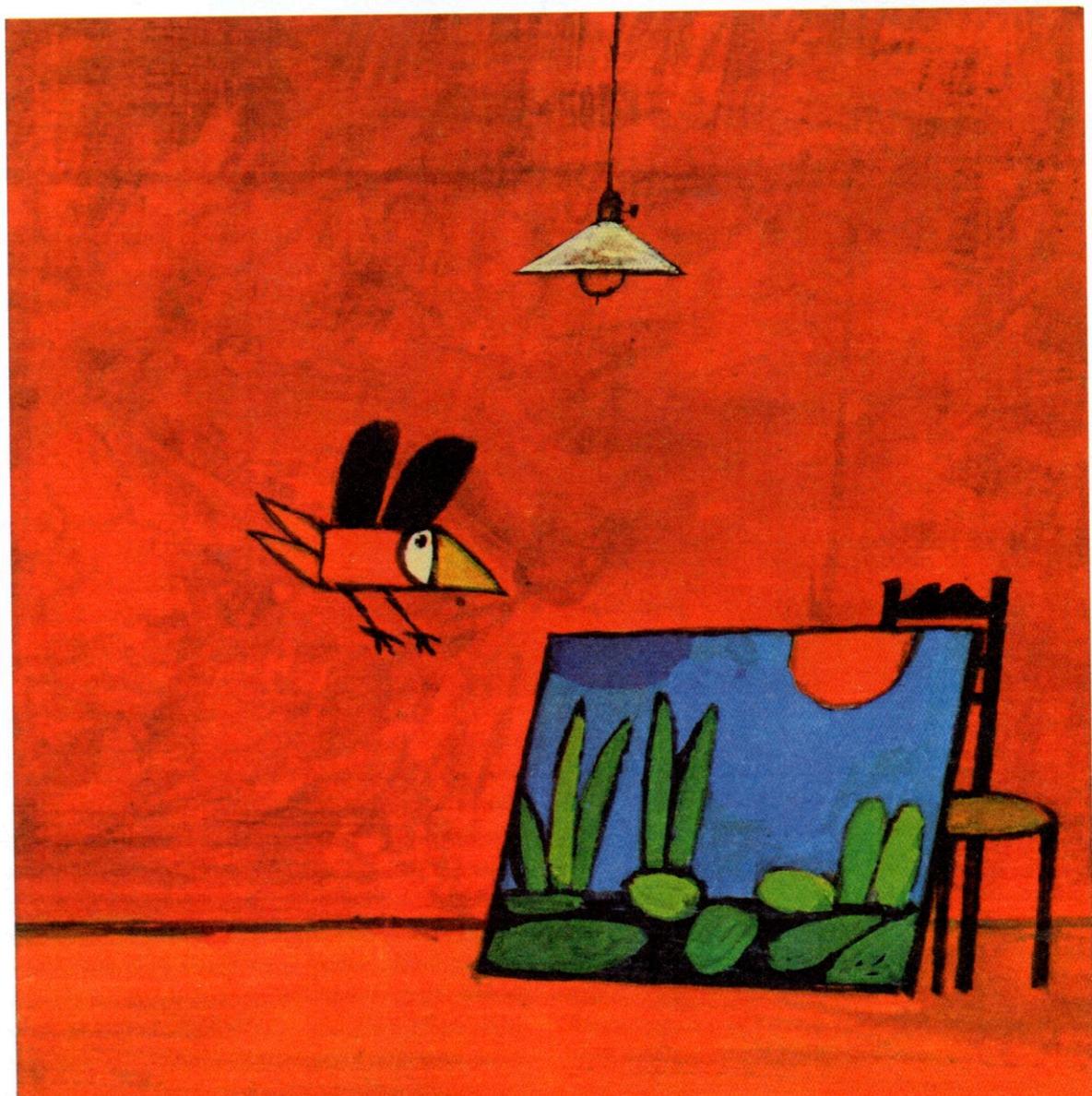
Nos anos 70 do século XX, a Sá da Costa Editora, prosseguindo um programa editorial empenhado na inovação, na formação literária/estética precoce e norteado, como em outra ocasião sublinhámos (Silva e Reis, 2009), pelo respeito pelos leitores mais jovens, lançou a colecção «Moinho de Vento», série inaugurada com *Ivan e o Ganso*, uma narrativa que constitui uma bela adaptação de um conto tradicional russo assinada por Mischa Damjam, com ilustrações de Toma Bogdanovic.

O terceiro número desta colecção, tratando-se de um conto da autoria do holandês Max Velthuijs (1923-2005), prémio Hans Christian Andersen em 2004, interessa-nos especialmente. A verdade é que, nesta obra, se ensaiam já, além de certos veios ideotemáticos e motivos particulares, algumas técnicas expressivas/visuais do artista plástico (e do escritor) fundamentalmente (re)conhecido pelos álbuns protagonizados pelo famoso Sapo (uma colecção editada em Portugal com a chancela da Editorial Caminho).

Intitulado *O Pintor e o Pássaro*, este «conto em forma(to) de álbum»¹ possui como ingrediente principal uma «invulgar» ligação afectiva entre as personagens anunciadas no título. Do universo concreto da criação plástica ou da pintura, aqui ficcionalmente recriado, assistimos, através do voo do pássaro e da sua fuga da tela, a uma transfiguração do real e uma construção abstracta que se orienta pelo maravilhoso. Um pássaro, criado por um pintor e habitante de um quadro muito especial, ganha corpo e alma, recusa o destino e, confrontando-se com uma série de situações/encontros insólitos, procura

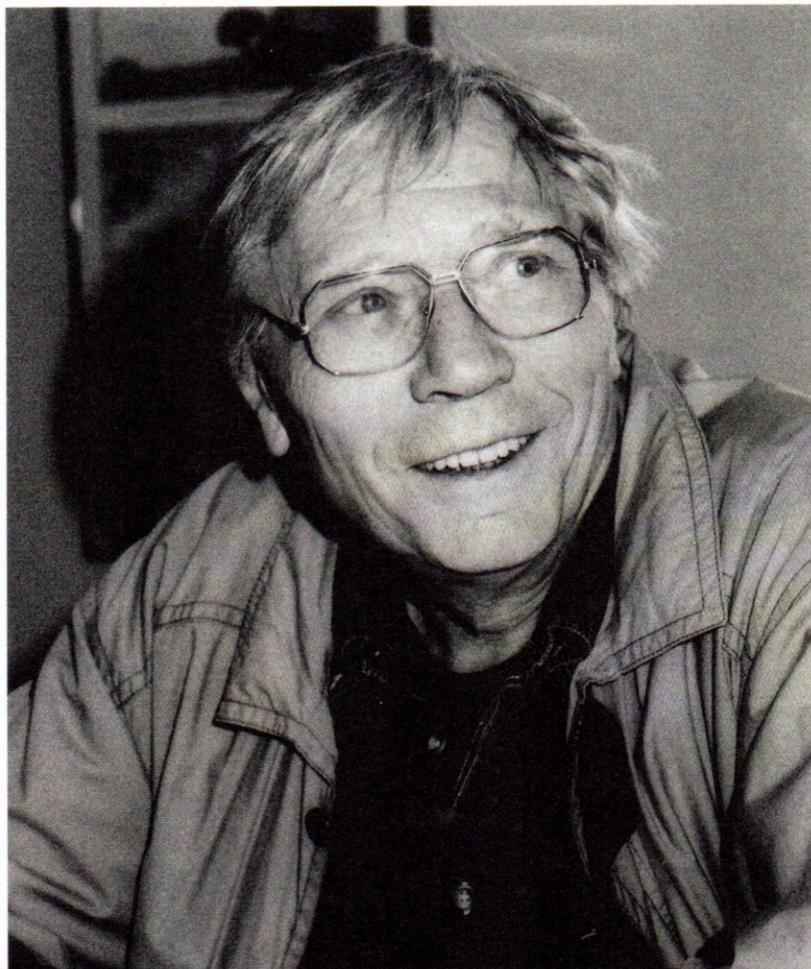
regressar para junto do seu criador. Estas são, em poucas palavras, as linhas essenciais desta história delicada, uma narrativa verbal e visual que dá conta da relação intensa entre um criador e o seu objecto de criação.

A estrutura narrativa rege-se por um modelo comum: a uma situação inicial (um pintor nutre um afecto especial por uma das suas pinturas, que possui como elemento central um pássaro), segue-se uma série de peripécias, desencadeadas pela «entrada em cena» de uma personagem com um papel oponente (um homem rico): o pintor vê-se compelido a vender-lhe o seu quadro preferido (as dificuldades financeiras determinam a separação dos dois e a quebra temporária de uma relação de índole umbilical); o pássaro, infeliz entre «retratos de gente velha (...) móveis caros» (Velthuijs, 1973: s/p) e um novo «dono sonolento» (*idem, ibidem*), solta-se da tela, foge da casa do homem rico e voa em busca do espaço matricial; durante a sua viagem, este pequeno herói encontra-se com um galo, um grupo de pássaros, um leão e um menino e apenas este consegue ajudá-lo a voltar para junto do seu amigo pintor. O momento do reencontro (ponto culminante), simultaneamente comovente e promissor, é também o momento em que os co-protagonistas recuperam a felicidade: «Mas de repente aparece-lhe o rapaz com o pássaro. Feliz, o pintor diz-lhes: “Vem por aqui, menino, vem por aqui, meu pássaro. Sejam bem-vindos!” O pássaro sente imediatamente que aquela é a sua casa; que foi aquele o homem que lhe deu vida. E voa para o quadro.» (*idem, ibidem*). E, no termo



O Pintor e o Pássaro

Max Velthuis



da acção ou no desfecho, a instabilidade e a inquietação, motivadas pelo afastamento/desencontro do pintor e do pássaro, resolvem-se, em definitivo: «O pintor promete então não voltar a vender aquele quadro. E de vez em quando o pássaro sai do seu lugar e poisa sobre a cabeça do pintor, onde fica horas a vê-lo trabalhar.» (*idem, ibidem*).

A valorização incondicional dos afectos – a que assistimos, igualmente, nas narrativas nas quais participam o Sapo e os seus amigos –, a par de outros tópicos manifestamente actuais, como a liberdade, a diferença e a (in)tolerância² ou a solidariedade e a entreatada, distingue este livro de Max Velthuijs que parece prenunciar já a natureza temática de outras obras do autor, como, aliás, já sugerimos. Releiam-se, por exemplo, os volumes *O Sapo e o Estranho* (Caminho, 1999) ou *O Sapo é um Herói* (Caminho, 2009).

A solução positiva para o enredo, também uma das características das aventuras do Sapo, ganha, no livro em análise, contornos especiais, encerrando, em última instância, uma multiplicidade de mensagens de índole ético-moral: a vitória do bem sobre o mal, bem como do espiritual sobre o material e da alegria sobre a tristeza, a prevalência da justiça, a

valorização da liberdade, o elogio dos afectos e da infância, um olhar atento sobre a natureza (e algumas das suas «leis»)³, entre outras. O carácter humanista marca indelevelmente o enredo e, arriscamos, talvez não seja despropositado considerar a presença de certas sugestões autobiográficas (ou hetero?) muito subtis nesta história de um pintor «pobre, como quase todos os pintores» e do seu «pássaro maravilhoso»; «habitante» do quadro pelo qual nutria «um amor muito grande», um percurso criativo que pode, igualmente, situar-se no âmbito da metaficcionalidade.

Parece-nos, ainda, que não podemos ignorar as implicações simbólicas das próprias personagens principais da obra. Anónimas, mas modeladas, os seus retratos obrigam a associá-las às ideias de espiritualidade, de sonho e, essencialmente, de liberdade. Mesmo a referência a uma manhã de Primavera, momento em que o pássaro consegue fugir da casa do «senhor muito rico», pode ser entendida simbolicamente, por exemplo, como a esperança no reencontro. Também dos espaços físicos percorridos pelo pássaro (por exemplo, casa do pintor *vs.* casa do homem rico; um prado florido; uma floresta; a



cidade e o jardim zoológico) pode ser feita uma leitura simbólica.

Se a temática (ou melhor, o conjunto riquíssimo de eixos semânticos) seduz pequenos e grandes leitores, as estratégias verbo-icônicas que sustentam este relato de Max Velthuijs são variadas e determinantes do ponto de vista da captação e da manutenção da atenção do potencial receptor desta publicação. Num registo acessível, lexical e sintacticamente simples, pontuado por vários momentos breves e vivos de diálogo, e no qual também o recurso adequado a uma adjetivação contida, mas expressiva⁴, bem como a certas sugestões sensoriais⁵ são fundamentais, o texto evidencia uma criatividade sensata e também por isso, cremos, uma notória actualidade.

Se a construção narrativa e verbal exige dos leitores mais novos/menos experientes uma considerável capacidade de abstracção e/ou imaginativa, a linguagem pictórica, com a sua preferência pelos tons fortes e contrastivos, impressos sempre em fundos brancos, por uma certa geometrização das formas, pelo recurso a linhas simples e por uma equilibrada e detalhada⁶ apresentação/disposição de elementos figurativos no espaço-página (regra geral, em páginas duplas)⁷, proporciona uma leitura «orientada» e uma percepção mais ou menos imediata dos momentos diegéticos mais relevantes. A extensão considerável das sequências visuais e os vários pormenores que estas integram ampliam as possibilidades de interpretação textual, possibilitando níveis de leitura diversos e até, por exemplo, uma reconstrução inferencial da diegese, dos retratos das várias personagens e dos espaços habitados ou percorridos por estas.

Pelas singularidades que procurámos, nesta sucinta abordagem, destacar, valeria a pena reeditar *O Pintor e o Pássaro*, tornando, assim, acessível para uma nova geração de leitores um título que, como poucos, parece atestar a intemporalidade, o valor ou a importância de uma literatura afastada dos estereótipos e dos lugares-comuns que caracterizam muitas obras contemporâneas massivamente colocadas no mercado livreiro português. •

Notas

¹ Recuperamos aqui a designação utilizada por José António Gomes (2003) no estudo «O conto em forma(to) de álbum: primeiras aproximações» in *Malasartes*, n.º 12, Novembro de 2003, pp. 3-6.

² Uma das peripécias desta narrativa consiste no encontro ocasional e na convivência feliz entre o co-protagonista pássaro e um leão: «Acorreu muita gente para ver aquela cena espantosa: um leão e um pássaro a viverem juntos como verdadeiros amigos.» (Velthuijs, 1973: s/d). Note-se que este episódio é antecedido por uma situação visivelmente oposta: «Na floresta vivem muitas espécies de pássaros, mas nenhum se parece com ele. «Como és cómico!, dizem-lhe, e põem-se a rir e a fazer troça. «Por que não vais para o Jardim Zoológico? Deve ser lá o teu lugar!»» (*idem, ibidem*).

³ Como parece atestar, por exemplo, a presença constante, na representação visual de espaços físicos/cenários interiores, de elementos/motivos naturais, como jarras com flores, maçãs e outros frutos ou vasos com plantas.

⁴ Vide, por exemplo, a seguinte passagem: «O senhor muito rico leva o quadro para casa. Mas o pássaro não se sente feliz, pendurado naquela parede entre retratos de gente velha, e donde só vê móveis caros e o dono sonolento.» (*idem, ibidem*).

⁵ Vide, por exemplo, o segmento «À sua frente está um mundo novo, cheio de cores e de sons, encanta-se com o canto dos pássaros e dos grilos e poisa num prado, entre flores.» (*idem, ibidem*).

⁶ Nicholas Tucker, reportando-se aos volumes que integram a série que tem como personagens o Sapo e o seu grupo de amigos, afirma que «Velthuijs's use of detail was also telling» (Tucker, 2005).

⁷ Aspecto que confirma o seguinte ponto de vista de Toin Duijx: «Many of his book's title pages show Velthuijs' skill as a graphic designer as well as a pen-and-ink illustrator (...).» (Duijx).

Referências bibliográficas

- DUIJX, Toin (s/d). «Max Velthuijs» – disponível em <http://www.ibby.org/index.php?id=524> (consultado no dia 07/12/09)
- SILVA, Sara Reis e REIS, Miriam (2009). «A escrita de Maria Isabel César Anjo e a ilustração de Maria Keil: um hino à natureza e à infância», in *Malasartes*, n.º 18, Outubro de 2009, pp. 50-53.
- TUCKER, Nicholas (2005). «Max Velthuijs» in *The Independent*, Sábado, 29 de Janeiro de 2005 – disponível em <http://www.independent.co.uk/news/obituaries/max-velthuijs-488705.html> (consultado no dia 06/01/1010).
- VELTHUIJS, Max (1973). *O Pintor e o Pássaro*. Coleção «Moinho de Vento». Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora (tradução: Idalina Sá da Costa).